



CURSO DE PSICOLOGIA

ISADORA MEDEIROS DOS SANTOS

**OS EFEITOS DO EXCESSO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA
SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE**

**Sinop/MT
2026**

CURSO DE PSICOLOGIA

ISADORA MEDEIROS DOS SANTOS

**OS EFEITOS DO EXCESSO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA
SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Banca Avaliadora do
Departamento de Psicologia, do Centro
Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS,
como requisito para a obtenção do título
de Bacharela em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Adneides Lucas
Nogueira.

Sinop/MT

2026

ISADORA MEDEIROS DOS SANTOS

**OS EFEITOS DO EXCESSO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA
SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia, do Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS, de Sinop, como requisito para obtenção do título Orientadora em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

Profª Adneides Lucas Nogueira
Professor(a) Orientador(a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia –UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia –UNIFASIPE

Profª Esp. Ana Paula César
Coordenadora do Curso de Psicologia
UNIFASIPE – Centro Universitário de Sinop

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os pais que, com amor, paciência e presença, acompanham o crescimento de seus filhos, oferecendo cuidado, vínculo e experiências que fortalecem o desenvolvimento saudável.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Edna e Alex, que me deram todo o suporte psicológico e financeiro para me proporcionar tudo que almejei. Nada seria possível sem o amor incondicional e incentivo de vocês.

Aos meus irmãos, Lívia e Leonardo, pelo carinho, vocês tornaram essa caminhada mais leve.

Aos meus avós João e Celina, e em especial à minha vovózinha que sempre transmitiu amor e acolhimento.

À minha orientadora, Adneides, que me guiou com paciência, dedicação e conhecimento, ensinando-me a aprimorar cada detalhe e a acreditar em meu próprio potencial.

E por fim, mas não menos importante, à minha amiga da vida, Heloysa, que trilhou todo esse caminho ao meu lado, compartilhando aprendizados, risos e desafios, e ao meu companheiro, Pedro, pelo carinho, apoio, tornando cada conquista mais significativa e cada dificuldade mais suportável.

EPÍGRAFE

Não há nada mais vital para o desenvolvimento da criança do que a presença suficientemente boa do cuidador.

Donald W. Winnicott

MEDEIROS, Isadora. Os efeitos do excesso de telas na primeira infância sob o olhar da Psicanálise. 2026. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender os efeitos do uso excessivo de telas na primeira infância sob o olhar da Psicanálise, investigando de que maneira a exposição precoce às tecnologias digitais interfere no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos da Psicanálise, como Sigmund Freud, Donald Winnicott, Melanie Klein e Jacques Lacan, além de estudos recentes sobre o impacto das tecnologias digitais na infância. A investigação permite refletir sobre como o ambiente virtual influencia a constituição subjetiva e os vínculos afetivos, considerando que o brincar e a presença do cuidador constituem elementos essenciais para o desenvolvimento saudável. Os estudos analisados demonstram que a exposição prolongada às telas pode afetar processos simbólicos, a interação social e a formação do self, evidenciando a necessidade de maior mediação familiar e de práticas que priorizem o contato humano e o brincar criativo. Conclui-se que o uso excessivo de dispositivos digitais na primeira infância demanda atenção por parte das famílias e profissionais, contribuindo para discussões relevantes no campo da Psicologia e para a elaboração de estratégias de cuidado voltadas ao desenvolvimento infantil saudável.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; excesso de telas; primeira infância; Psicanálise.

ABSTRACT

The present study aims to understand the effects of excessive screen use in early childhood from a psychoanalytic perspective, investigating how early exposure to digital technologies interferes with children's emotional, cognitive, and social development. This research is characterized as qualitative and bibliographic, based on classical and contemporary psychoanalytic authors such as Sigmund Freud, Donald Winnicott, Melanie Klein, and Jacques Lacan, as well as recent studies on the impact of digital technologies on childhood. The investigation allows reflection on how the virtual environment influences subjective constitution and affective bonds, considering that play and the caregiver's presence are essential elements for healthy development. The analyzed studies demonstrate that prolonged exposure to screens may affect symbolic processes, social interaction, and self-formation, highlighting the need for greater family mediation and practices that prioritize human contact and creative play. It is concluded that excessive use of digital devices in early childhood requires attention from families and professionals, contributing to relevant discussions in the field of Psychology and to the development of care strategies aimed at healthy child development.

Keywords: Child development; excessive screen use; early childhood; psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Problemática	11
1.2 Justificativa	12
1.3 Objetivos	13
1.3.1 Geral	13
1.3.2 Específicos	13
1.4 Procedimentos Metodológicos	13
1.5 Cronograma	15
2. REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Desenvolvimento humano na infância	16
2.2. Vícios e instintos	19
2.2.1 A pulsão e os instintos na teoria freudiana	20
2.2.2 As origens emocionais do vício na infância	21
2.2.3 O vício como tentativa de preencher a falta: contribuições lacanianas	21
2.2.4 O vício tecnológico como manifestação contemporânea das pulsões	22
2.3 A tecnologia na atualidade	23
2.3.1 Ascensão da Era Digital	24
2.3.2 A Tecnologia no Cotidiano	25
2.3.3 Velocidade da Inovação Tecnológica	25
2.4 A influência da tecnologia na primeira infância	26
2.5 Mãe, bebê e o brincar nas fases do amadurecimento	28
2.5.1 O ambiente suficientemente bom e a presença materna frente às telas	29
2.5.2 A independência emocional e os limites da autonomia diante das telas	30
2.5.3 O brincar como espaço potencial e a formação do self verdadeiro	31
2.5.4 As falhas no brincar e no vínculo materno diante do excesso de telas	33
2.6 O olhar da Psicanálise sobre a estruturação da personalidade	34
2.6.1 A constituição do Eu na primeira infância	36
2.6.5 Fragilização da identidade e novas formas de subjetivação na era digital	37
2.7 Os transtornos adquiridos pelo uso excessivo de telas	39
2.7.1 Transtornos do sono e fadiga mental	39
2.7.2 Transtornos cognitivos e de aprendizagem	40
2.7.3 Transtornos emocionais e comportamentais	41
2.7.4 Transtornos físicos	41
2.8 O papel do psicólogo e intervenção no uso excessivo de telas	42

2.8.1 Avaliação do uso de telas	43
2.8.2 Estratégias de intervenção clínica	44
2.8.3 Psicoeducação e orientação a cuidadores	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o uso excessivo de telas tem se mostrado cada vez mais evidente em relação aos prejuízos e danos ocasionados à sociedade. Se, em um primeiro momento, havia dúvidas quanto aos possíveis impactos negativos, hoje já se tem a comprovação de que esses efeitos são reais, visto que convivemos com uma geração que reflete diretamente as consequências desse uso indevido (Puccinelli *et al.*, 2023).

O avanço tecnológico transformou de maneira significativa as formas de comunicação e as relações sociais nas últimas décadas. Tornou-se cada vez mais comum que crianças tenham acesso precoce ao universo digital, por meio de dispositivos como smartphones, computadores, tablets e televisores digitais. Esse contato antecipado não apenas interfere na vivência inicial da infância, como também influencia diretamente a forma como a criança estabelecerá seus processos de socialização com o meio em que está inserida (Puccinelli *et al.*, 2023).

A primeira infância é considerada uma fase essencial para o desenvolvimento global da criança, marcada por intensa plasticidade cerebral e pela formação das primeiras experiências de vínculo e simbolização. Pesquisas indicam que a exposição precoce e prolongada às telas está associada a dificuldades de atenção, atraso na linguagem e alterações comportamentais, o que reforça a importância da mediação parental e da qualidade das interações humanas (Hinkley *et al.*, 2019). Nesse sentido, compreender o impacto das telas na constituição psíquica infantil é fundamental para pensar formas de cuidado que priorizem a presença afetiva e o brincar criativo.

Sob a ótica da Psicanálise, o desenvolvimento infantil depende da relação da criança com o outro, especialmente do vínculo estabelecido com o cuidador primário. Segundo Winnicott (1965), o “ambiente suficientemente bom” permite que o bebê sinta-se seguro e acolhido para desenvolver um senso de continuidade de ser. Quando essa presença é substituída por estímulos tecnológicos, há o risco de interrupção no processo de simbolização e de fragilidade na formação do self. Assim, a mediação excessiva das telas pode comprometer as primeiras experiências emocionais, interferindo na capacidade da criança de construir vínculos reais e significativos.

Estudos recentes reforçam que os impactos do uso de telas variam conforme a idade, o tempo de exposição e a qualidade do conteúdo acessado. Pesquisas de

revisão sistemática apontam que o uso excessivo de dispositivos digitais, especialmente sem supervisão parental, relaciona-se ao aumento de sintomas de desatenção e dificuldades na regulação emocional (Ribner; Mcninn; Mitchell, 2023). Esses achados sugerem que a presença atenta e responsiva dos cuidadores é um fator protetor essencial, que pode mitigar os efeitos negativos e favorecer o uso equilibrado da tecnologia.

Diante desse contexto, o presente trabalho investigou os efeitos do excesso de telas na primeira infância sob o olhar da Psicanálise, articulando evidências científicas e conceitos clínicos clássicos. A pesquisa buscou compreender de que modo a exposição digital precoce interfere na constituição subjetiva, nos vínculos primários e nos processos simbólicos que sustentam o amadurecimento emocional. Além disso, o estudo contribuiu para reflexões clínicas e educativas acerca da importância da presença afetiva, da mediação parental e do brincar criativo como elementos fundamentais para o desenvolvimento psíquico saudável de cada criança (Winnicott, 1971).

1.1 Problemática

O avanço tecnológico tem transformado as relações sociais e os modos de interação desde as primeiras idades, e as crianças estão cada vez mais expostas ao uso de dispositivos digitais, como celulares, tablets, televisores e computadores. Esse fenômeno, embora faça parte do cotidiano contemporâneo, levanta preocupações quanto às possíveis consequências para o desenvolvimento infantil. A primeira infância é considerada uma fase de intensa plasticidade cerebral e de aquisição de habilidades fundamentais, e por isso a influência das telas nesse período torna-se um tema de grande relevância científica (Vargas; Xavier; Lellis; Veloso, 2025).

Vale ressaltar o prejuízo em experiências fundamentais da infância, como o brincar, a interação social e o estabelecimento de vínculos. O uso abusivo de telas pode reduzir o contato da criança com situações que favorecem a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento emocional, resultando em práticas mais passivas e menos exploratórias (Costa; Silva, 2023). Esse cenário torna-se ainda mais preocupante quando se observa a substituição de atividades presenciais e interativas por estímulos digitais de caráter repetitivo e pouco desafiador.

Diante desse contexto, é necessário problematizar os impactos do uso excessivo de telas na primeira infância, considerando que o fenômeno não se

restringe a uma questão de entretenimento, mas envolve dimensões de saúde, educação e desenvolvimento humano. A American Academy of Pediatrics (2016) destaca que a exposição desmedida está relacionada a alterações no sono, prejuízos psicossociais e agravamento de condições como o TDAH. Na sociedade contemporânea, as telas ocupam lugar central até mesmo na vida de bebês e crianças pequenas, tornando-se mediadoras de experiências que antes eram construídas pela presença do outro. Em vista disso, levanta-se a questão: o excesso de telas na primeira infância fragiliza as experiências fundantes do olhar, da palavra e da relação com o outro, comprometendo os processos psíquicos necessários para a constituição do sujeito e do desejo?

1.2 Justificativa

A primeira infância, compreendida entre 0 e 6 anos, constitui um período essencial para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional da criança, marcado por intensa plasticidade cerebral. Nesse contexto, a introdução precoce e o uso excessivo de dispositivos digitais como televisores, smartphones, tablets e computadores têm despertado uma crescente preocupação científica devido aos possíveis prejuízos ao desenvolvimento infantil (Vargas; Xavier; Lellis; Veloso, 2025).

Pesquisas recentes apontam que a exposição prolongada às telas pode comprometer funções cognitivas, como atenção, memória e regulação emocional, além de dificultar processos fundamentais como a aquisição da linguagem e a interação social. Do mesmo modo, estudos relacionam esse hábito a atrasos no processo de alfabetização e letramento, indicando que o tempo excessivo diante das telas pode prejudicar a aprendizagem formal (Santos; Gomes; Fonseca, 2025).

Além disso, reflexões apontam que o uso abusivo das telas pode limitar experiências fundamentais para a infância, como o brincar espontâneo e as interações face a face, restringindo a construção de vínculos e a vivência de situações que favorecem o desenvolvimento emocional (Costa; Silva, 2023). Esses achados convergem com investigações que associam o uso prolongado de dispositivos digitais a prejuízos psicossociais, alterações no sono e impactos negativos em crianças com condições como o TDAH (Sousa; Carvalho, 2023).

Diante disso, a relevância desta pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar a compreensão acerca dos efeitos do excesso de telas na primeira infância, especialmente considerando o papel da Psicologia em subsidiar práticas de cuidado,

orientar famílias e contribuir para a formulação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento saudável da criança.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Compreender as implicações do excesso de telas na primeira infância.

1.3.2 Específicos

Identificar os principais riscos do uso excessivo de telas para o desenvolvimento infantil na primeira infância;

Analisar como o tempo de exposição e o contexto familiar influenciam a relação das crianças com as telas;

Investigar estratégias de orientação parental e práticas de cuidado que favoreçam o uso saudável das tecnologias digitais.

Verificar as contribuições da Psicanálise na compreensão e mediação dos impactos do uso de telas nessa faixa etária;

1.4 Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico, fundamentado na análise teórica de obras psicanalíticas clássicas e contemporâneas que abordam o desenvolvimento humano, especialmente na primeira infância. Esse tipo de pesquisa busca compreender fenômenos em sua dimensão simbólica e subjetiva, interpretando significados que não podem ser quantificados (Minayo, 2014). A pesquisa bibliográfica, por sua vez, consiste na seleção, leitura e interpretação de materiais já publicados, permitindo a construção de uma base teórica sólida sobre o tema estudado (Gil, 2019). Essa metodologia foi escolhida por possibilitar uma compreensão subjetiva e interpretativa dos fenômenos psicológicos implicados no uso excessivo de telas, considerando os efeitos desse hábito na formação do psiquismo infantil e nas primeiras experiências de vínculo e cuidado.

A coleta de informações foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas em bases científicas como Google Acadêmico Brasil, SciELO, PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e PubMed. Foram selecionados livros e artigos em português e inglês que tratam do desenvolvimento emocional, das relações mãe-bebê, do brincar e do impacto da tecnologia na infância. O recorte temporal priorizou

publicações entre os anos de 2020 e 2025, garantindo a atualidade das informações e a relevância dos dados coletados. Contudo, também foram incluídas produções anteriores de reconhecida importância científica, publicadas entre 2014 e 2019, por contribuírem de forma significativa para a consolidação teórica do tema.

A seleção das obras foi conduzida de forma sistemática. Inicialmente, realizou-se a leitura de títulos, resumos e palavras-chave, a fim de identificar os estudos pertinentes ao tema e alinhados ao recorte proposto. Em seguida, procedeu-se à leitura integral dos textos selecionados, considerando critérios de relevância teórica, coerência conceitual e contribuição científica para o entendimento da problemática abordada. Embora o recorte temporal desta pesquisa priorize estudos publicados entre 2020 e 2025, foram também incluídas algumas produções anteriores, como Greenfield (2014), Domingues-Montanari (2017) e Kehl (2019), bem como obras clássicas fundamentais, entre elas as de Sigmund Freud, Donald Winnicott, Melanie Klein, Jacques Lacan e John Bowlby.

A utilização desses autores e estudos se justifica pela relevância teórica, consistência científica e importância histórica que possuem para o campo da Psicanálise e do desenvolvimento infantil. Suas contribuições permanecem atuais e indispensáveis para compreender a constituição psíquica da criança, os vínculos afetivos e os processos de amadurecimento emocional, servindo como base conceitual sólida para a análise dos fenômenos contemporâneos, como o impacto do uso excessivo de telas na primeira infância.

De acordo com Minayo (2014), a pesquisa qualitativa busca compreender a realidade em sua profundidade simbólica e subjetiva, permitindo interpretar significados que não podem ser mensurados numericamente. Nesse sentido, essa metodologia possibilita analisar o fenômeno do uso excessivo de telas na infância a partir de um olhar clínico e interpretativo, integrando os aspectos emocionais e relacionais envolvidos. Para Lüdke e André (2013), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela atenção ao contexto, à história e à subjetividade, dimensões essenciais quando se trata do desenvolvimento infantil e das interações afetivas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Desenvolvimento humano na infância

Sob o ponto de vista da Psicanálise, o desenvolvimento humano na infância é compreendido como um processo estruturante da subjetividade, onde as primeiras experiências vivenciadas pelo bebê deixam marcas duradouras na constituição psíquica. Freud (1905/1996), ao escrever sobre as fases do desenvolvimento psicosssexual; oral, anal, fálica, latência e genital, enfatizou que a infância não é um período de latência emocional, mas um momento no qual se organizam as bases da personalidade e da vida inconsciente. Segundo o autor citado, falhas ou fixações nessas fases podem refletir ao longo da vida, influenciando as formas de relação e de expressão do desejo. Nesse sentido, refletir sobre a infância implica considerar que o contato com o outro, a linguagem e o brincar são experiências fundantes que, quando substituídas ou limitadas pelo uso precoce de telas, podem comprometer processos essenciais para a constituição subjetiva.

Winnicott (1945) aprofunda essa compreensão ao enfatizar que o desenvolvimento emocional depende de um “ambiente suficientemente bom”, no qual a presença sensível do cuidador oferece à criança condições para integrar suas experiências internas e construir um sentimento de continuidade de existência. Sendo nesse espaço relacional, mediado pelo olhar, pelo toque e pela disponibilidade afetiva, que o bebê encontra segurança para amadurecer. No entanto, estudos atuais evidenciam que, em muitos contextos, dispositivos digitais têm ocupado o lugar da presença parental, configurando-se como substitutos frágeis dessa sustentação emocional. Em pesquisa sobre vínculos afetivos e adicção às telas, aponta que a ausência de contato afetivo pode levar ao uso excessivo de recursos tecnológicos como forma compensatória, embora tais objetos não substituam a relação humana necessária ao amadurecimento psíquico (Enck, 2024).

Outro fator fundamental refere-se ao papel do brincar e dos fenômenos transicionais no desenvolvimento da criança. Para Winnicott (1951), o brincar constitui um espaço intermediário entre realidade interna e externa, permitindo a elaboração simbólica, a criatividade e a capacidade de lidar com a ausência do objeto. Os objetos transicionais, nesse processo, facilitam a passagem da dependência absoluta para a relativa, apoiando a autonomia progressiva da criança. Todavia, pesquisas recentes apontam que o tempo excessivo diante de telas reduz o espaço para a brincadeira espontânea, afetando a simbolização. Em estudo sobre o impacto do uso de telas no desenvolvimento inicial, mostra que a exposição precoce a dispositivos eletrônicos

pode afetar a intersubjetividade e a intercorporeidade mãe-bebê, limitando experiências relacionais que são fundantes para a estrutura psíquica (Ceron-Litvoc, 2023).

Além disso, Freud (1917/1996) já destacava que o processo de desenvolvimento envolve a constante tensão entre pulsões e as exigências do ambiente, exigindo da criança recursos simbólicos para elaborar frustrações e investir em novas formas de satisfação. Quando esses recursos são substituídos por estímulos digitais de caráter repetitivo e pouco criativo, corre-se o risco de um empobrecimento simbólico, com consequências para a socialização e para a construção do desejo. O uso excessivo de telas associa-se a atrasos na linguagem, fragilidades emocionais e dificuldades de socialização, aspectos diretamente vinculados ao amadurecimento psíquico, conforme descrito por Winnicott. Dessa forma, o estudo do desenvolvimento humano na infância, sob o olhar da psicanálise, permite problematizar os efeitos da mediação tecnológica precoce, apontando riscos para a constituição subjetiva e para a saúde emocional da criança.

O desenvolvimento da capacidade simbólica é central para a psicanálise infantil, funcionando como alicerce para a elaboração de conflitos internos, a construção de significados pessoais e a criação de representações mentais complexas. Winnicott (1971) enfatiza que o brincar constitui um espaço de transição no qual a criança integra experiências externas e internas, construindo sentido a partir da exploração, repetição e improvisação. Esse processo possibilita que a criança organize suas emoções, aprenda a tolerar frustrações e experimente a realidade de maneira gradativa. Quando o tempo destinado ao brincar espontâneo é ocupado por estímulos digitais de natureza rápida e fragmentada, essa função simbólica pode ser comprometida, prejudicando a capacidade da criança de transformar experiências em representações mentais duradouras e de desenvolver habilidades criativas essenciais para o amadurecimento psíquico (Ceron-Litvoc, 2023).

A formação do self verdadeiro, conceito central na obra de Winnicott (1965), depende de interações consistentes e sensíveis, nas quais o bebê sente que suas necessidades e expressões são reconhecidas e acolhidas. O self verdadeiro emerge como núcleo de autenticidade e integridade psíquica, permitindo que a criança se perceba como agente de sua própria vida e desenvolva autonomia emocional. Estímulos tecnológicos, por mais atrativos que sejam, não oferecem o reconhecimento emocional nem a responsividade necessária, funcionando muitas vezes como

substitutos frágeis da presença parental. O resultado dessa substituição pode ser a formação de um self falso, adaptativo e centrado em respostas externas imediatas, dificultando a expressão genuína do eu e a construção de relações interpessoais profundas e significativas (Enck, 2024).

Na perspectiva freudiana, o desenvolvimento infantil envolve aprender a diferir gratificações, regular pulsões e elaborar tensões internas de forma adaptativa, processos que são essenciais para o estabelecimento de limites e a construção de relações interpessoais (Freud, 1917/1996). Quando dispositivos digitais oferecem prazer imediato e repetitivo, há um risco de que a criança encontre dificuldades para lidar com frustrações e para investir emocionalmente em interações humanas mais complexas. Isso pode gerar uma dependência de estímulos externos, prejudicando a capacidade de reflexão, a construção de vínculos seguros e a maturação do psiquismo. Nesse contexto, o uso precoce e excessivo de telas deve ser compreendido não apenas como um hábito tecnológico, mas como um fenômeno que repercute diretamente na constituição do eu e na organização emocional da criança (Greenfield, 2014).

A atenção do cuidador é um fator regulador crucial do psiquismo infantil, especialmente no desenvolvimento da mentalização, ou seja, a capacidade de perceber e refletir sobre estados mentais próprios e de terceiros. Fonagy e Target (2005) argumentam que essa habilidade surge das trocas afetivas em que o adulto reconhece e responde aos sentimentos da criança, promovendo a construção de representações internas confiáveis sobre si e sobre o outro. Quando dispositivos digitais passam a ocupar o papel de intermediários predominantes nessas trocas, a oportunidade de desenvolvimento da mentalização é reduzida, comprometendo a empatia, a compreensão emocional e a regulação afetiva. Esse fenômeno evidencia que, embora a tecnologia possa oferecer estímulos cognitivos ou lúdicos, ela não substitui a dimensão afetiva do cuidado humano, essencial para a constituição psíquica saudável (Ceron-Litvoc, 2023).

Além disso, o ambiente suficientemente bom, conceito winnicottiano, não se limita à presença física do cuidador, mas envolve consistência emocional, contenção, disponibilidade e capacidade de resposta às necessidades do bebê (Winnicott, 1965). A falha nesse ambiente, seja por negligência, ausência ou substituição da interação humana por telas, pode gerar sentimento de insegurança, angústia e dificuldades na expressão do self. A mediação tecnológica precoce, quando não supervisionada ou

equilibrada, interfere na integração do psiquismo, na simbolização e na elaboração de experiências emocionais complexas, potencializando vulnerabilidades afetivas que podem se prolongar ao longo da infância. Estudos recentes reforçam que a presença sensível do adulto é insubstituível, e que a tecnologia deve ser utilizada como complemento, e não como substituto, das interações humanas (Enck, 2024; Ceron-Litvoc, 2023).

Por fim, é importante ressaltar que a Psicanálise fornece ferramentas conceituais para compreender os riscos e as possibilidades de integração saudável da tecnologia no desenvolvimento infantil. O uso moderado de dispositivos digitais, aliado a momentos de atenção plena, leitura compartilhada e brincadeiras presenciais, pode coexistir com a constituição psíquica saudável, desde que respeite os limites de idade, maturidade emocional e necessidades afetivas da criança. Winnicott (1975) alerta que a experiência relacional e o brincar criativo são insubstituíveis na formação do self, e a tecnologia deve ser incorporada de forma consciente e complementar, garantindo que o desenvolvimento humano na infância seja sustentado por vínculos afetivos sólidos, experiências simbólicas ricas e oportunidades de exploração segura do mundo interno e externo (Radesky et al., 2020).

2.2. Vícios e instintos

A compreensão dos vícios na primeira infância exige, antes de tudo, um olhar atento sobre a dinâmica pulsional que estrutura o psiquismo desde o nascimento. A Psicanálise, desde Freud, oferece um arcabouço teórico fundamental para entender como os instintos e as pulsões orientam o comportamento humano e influenciam a formação do eu. Segundo Freud (1915/2010), os impulsos instintivos são forças internas que buscam satisfação e, quando não encontram vias de simbolização, podem se manifestar de forma compulsiva. Essa compreensão permite aproximar o fenômeno dos vícios à tentativa de lidar com tensões e faltas afetivas não elaboradas.

Na contemporaneidade, os vícios assumem novas formas, especialmente entre as crianças, que têm cada vez mais acesso a recursos tecnológicos desde muito cedo. O uso excessivo de telas pode ser compreendido como uma manifestação atual dos conflitos pulsionais descritos por Freud, representando a busca por gratificação imediata e a dificuldade de tolerar a ausência e a frustração (Ceron-Litvoc, 2023). Dessa forma, compreender os vícios e instintos sob o olhar da Psicanálise possibilita investigar como as pulsões, quando não integradas de maneira saudável, podem

conduzir a comportamentos repetitivos e dependentes, afetando o desenvolvimento emocional e relacional na infância.

2.2.1 A pulsão e os instintos na teoria freudiana

O conceito de instinto, segundo Freud (1915/2010), refere-se às forças internas que impulsionam o comportamento humano em direção à satisfação de necessidades básicas, como sexualidade, agressividade e sobrevivência. Em sua teoria das pulsões, o autor diferencia as pulsões de vida (Eros), voltadas para a preservação, a criação e a ligação das pulsões de morte (Thanatos), associadas à destruição, à repetição e à descarga de energia. Essa tensão entre forças opostas é o motor do funcionamento psíquico, e a maneira como elas são integradas desde a infância define o equilíbrio entre prazer, contenção e simbolização (Freud, 1920/2010).

Freud (1905/1996) também descreve que o desenvolvimento humano é atravessado por fases psicosssexuais (oral, anal, fálica, latência e genital), nas quais as pulsões encontram diferentes objetos de satisfação. Quando uma dessas fases é marcada por frustrações ou excessos, pode ocorrer uma fixação pulsional, e o indivíduo passa a repetir comportamentos em busca de uma satisfação impossível de ser plenamente alcançada. É nesse ponto que o conceito de vício pode ser compreendido, como uma tentativa de descarga pulsional sem elaboração simbólica.

No campo psicanalítico, o vício se apresenta como um retorno do recalcado, uma repetição de condutas que buscam alívio momentâneo, mas que reforçam o circuito de prazer e desprazer. Freud (1924/2011) aponta que o eu busca o princípio do prazer, mas precisa se adaptar ao princípio de realidade; quando isso não ocorre, as descargas pulsionais se tornam automáticas e compulsivas. Dessa forma, os vícios, ainda que contemporâneos e vinculados a novos objetos, como as telas, mantêm o fundamento pulsional observado nas primeiras formulações da Psicanálise.

O desequilíbrio entre as pulsões de vida e de morte, aliado à fragilidade dos mecanismos de sublimação e simbolização, pode gerar padrões de dependência e compulsão desde os primeiros anos de vida. Em uma perspectiva clínica, esses comportamentos indicam que o sujeito encontrou na repetição um modo de lidar com tensões internas que não puderam ser traduzidas em palavras ou representações (Greenfield, 2014). Assim, a repetição viciante não é apenas um desvio comportamental, mas uma forma de expressão do inconsciente que denuncia falhas na elaboração psíquica.

2.2.2 As origens emocionais do vício na infância

Melanie Klein (1935/1991) amplia a teoria freudiana ao enfatizar que, desde os primeiros meses de vida, o bebê lida com impulsos contraditórios, amorosos e destrutivos, em relação ao objeto primário. A forma como essas pulsões são acolhidas pelo ambiente influencia diretamente o desenvolvimento emocional e a capacidade de simbolização. Quando o bebê encontra um ambiente suficientemente acolhedor, ele consegue transformar experiências agressivas em representações mentais; quando não, tende a agir compulsivamente para aliviar a tensão interna.

A autora destaca que o brincar é uma via privilegiada para a elaboração de conflitos e ansiedades. Contudo, em contextos em que as experiências relacionais são substituídas por estímulos tecnológicos, a criança perde oportunidades de expressar e reelaborar seus impulsos de forma simbólica. Klein (1946/1996) explica que, quando a simbolização falha, o sujeito pode recorrer à repetição como mecanismo de defesa, o que pode se manifestar sob a forma de vícios ou comportamentos automáticos.

Pesquisas recentes reforçam essa visão ao apontar que a ausência de vínculos afetivos consistentes favorece o uso excessivo de objetos externos como forma de regulação emocional. Enck (2024) argumenta que, em muitos casos, a criança utiliza recursos tecnológicos como substitutos frágeis da presença parental, buscando no estímulo digital o alívio que deveria vir da relação humana. Essa substituição fragiliza o desenvolvimento da autonomia psíquica e contribui para a formação de padrões viciantes precoces.

2.2.3 O vício como tentativa de preencher a falta: contribuições lacanianas

Jacques Lacan (1959-1960/1997) propõe uma leitura estrutural do vício, compreendendo-o como uma tentativa de tamponar a falta constitutiva do sujeito. Para o autor, o ser humano nasce em estado de desamparo e só se constitui como sujeito através da linguagem e do olhar do Outro. Essa falta estrutural, aquilo que jamais se preenche, é o que move o desejo. O vício, portanto, pode ser compreendido como uma tentativa de transformar o desejo em demanda, substituindo a busca simbólica por uma satisfação imediata e concreta.

Lacan (1964/2008) introduz o conceito de objeto a, entendido como o resto irreduzível do desejo, aquilo que nunca é completamente simbolizado. O sujeito viciado, em sua relação com esse objeto, busca incessantemente capturar um objeto impossível que promete satisfação total. Essa busca se repete continuamente, pois o prazer obtido é sempre parcial e transitório, levando à compulsão. No caso das crianças, o vício em telas reflete o esforço inconsciente de preencher a ausência do Outro, transformando a experiência de falta em prazer imediato.

Ceron-Litvoc (2023) observa que o ambiente digital potencializa essa lógica da repetição, oferecendo estímulos constantes e gratificação instantânea. A criança, ao entrar nesse circuito, perde o tempo da espera e da simbolização, ficando presa à dinâmica do gozo, conceito lacaniano que designa o prazer que ultrapassa o princípio do prazer e se aproxima da dor. Assim, o vício tecnológico é um modo contemporâneo de repetição pulsional, em que o sujeito tenta dominar a angústia da falta através do excesso.

Dessa forma, o olhar lacaniano sobre o vício infantil evidencia que a tecnologia, longe de ser apenas um instrumento de lazer, pode tornar-se um mediador do desejo e da falta, ocupando o lugar do Outro e fragilizando a estrutura simbólica da criança. O vício é, então, uma resposta à impossibilidade de simbolizar a ausência e um reflexo do modo como a subjetividade se constitui no laço com a linguagem e com o Outro.

2.2.4 O vício tecnológico como manifestação contemporânea das pulsões

O avanço tecnológico trouxe consigo novas formas de satisfação pulsional, transformando profundamente as relações afetivas e a dinâmica do prazer. Ceron-Litvoc (2023) aponta que os dispositivos digitais oferecem gratificação imediata e constante, reforçando comportamentos repetitivos e reduzindo as oportunidades de simbolização. Essa dinâmica produz um circuito de prazer instantâneo, típico das pulsões de morte descritas por Freud (1920/2010), que se manifestam pela compulsão à repetição.

Winnicott (1965) alerta que o uso de objetos para conforto é natural na infância, mas que, quando se tornam substitutos exclusivos do vínculo humano, configuram dependência emocional. O vício tecnológico, nesse sentido, é um fenômeno que reflete falhas no ambiente suficientemente bom, onde a presença sensível do cuidador é substituída por estímulos artificiais. A criança encontra prazer e segurança ilusória

nas telas, mas perde o contato com o outro real, essencial para a constituição do self verdadeiro.

Greenfield (2014) explica que os estímulos digitais constantes reconfiguram o sistema de recompensa cerebral, tornando as crianças menos tolerantes à frustração e mais dependentes de reforços imediatos. Isso dificulta o desenvolvimento de funções simbólicas e emocionais complexas, comprometendo a autonomia e a capacidade de lidar com o tempo e com a ausência. Em termos psicanalíticos, trata-se de uma regressão a modos primitivos de satisfação pulsional.

Bowlby (1969) reforça que vínculos afetivos seguros são fundamentais para o desenvolvimento emocional saudável. Quando a tela ocupa o lugar da relação com o cuidador, há uma ruptura na formação do apego, gerando padrões de busca compulsiva por estímulos externos. Essa dependência fragiliza o sentimento de confiança básica e compromete a capacidade da criança de internalizar figuras de apoio e segurança.

Portanto, o vício tecnológico deve ser compreendido como uma manifestação contemporânea das pulsões, um sintoma da cultura do excesso e da gratificação imediata. Ele reflete uma forma de gozo que substitui o encontro humano pela excitação constante, comprometendo a construção do self e a experiência simbólica da infância. A intervenção, sob o olhar psicanalítico, deve priorizar o resgate do vínculo, do brincar criativo e da presença afetiva que são elementos fundamentais para restituir a criança à sua capacidade de desejar e simbolizar.

2.3 A tecnologia na atualidade

A tecnologia digital se tornou uma presença constante na vida cotidiana, transformando a forma como nos comunicamos, aprendemos e interagimos. Estudos mostram que crianças estão cada vez mais expostas a telas desde os primeiros anos de vida, e essa exposição precoce pode influenciar o desenvolvimento cognitivo e emocional (David e Freitas, 2024). A crescente presença de smartphones, tablets e outros dispositivos conectados à internet trouxe mudanças profundas na rotina familiar e nas práticas educativas (Hilbert, 2020).

No contexto psicanalítico, a tecnologia levanta questões sobre como as novas formas de interação impactam o desenvolvimento psíquico infantil. Freud (1905) já apontava que as experiências precoces moldam a formação da psique, enquanto Winnicott (1965) enfatizou o papel do ambiente e das relações afetivas no

desenvolvimento saudável da criança. A introdução de dispositivos digitais altera as formas de brincar e se relacionar, exigindo uma atenção maior de pais e educadores para o equilíbrio entre o digital e o humano (Wakulicz, 2024).

Além disso, a digitalização oferece oportunidades de aprendizado e entretenimento, mas também desafios, como interferências na atenção, na linguagem e nos vínculos familiares (David e Freitas, 2024). Compreender o impacto da tecnologia é essencial para promover o desenvolvimento psíquico saudável na primeira infância e orientar a mediação adequada por parte dos adultos (Hilbert, 2020).

2.3.1 Ascensão da Era Digital

A Era Digital representa a transição da sociedade industrial para a sociedade da informação, caracterizada pelo uso intenso de tecnologias digitais em diversos setores, como saúde, educação e comunicação (Hilbert, 2020). A disseminação de informação em tempo real transformou a interação social e profissional, criando desafios éticos e de privacidade.

No âmbito infantil, a presença de tecnologias digitais altera as formas de exploração e brincadeira, elementos fundamentais para o desenvolvimento psíquico (Wakulicz, 2024). Freud (1905) já destacava que a experiência vivida na infância molda a formação emocional, sendo a qualidade das interações essenciais para o crescimento psicológico saudável.

O avanço tecnológico também cria formas de socialização, afetando as relações familiares e escolares. Crianças podem desenvolver comportamentos dependentes da estimulação digital, interferindo na atenção e na capacidade de lidar com frustrações (David e Freitas, 2024).

Pesquisas recentes indicam que o uso precoce de dispositivos digitais exige cuidado na mediação dos pais e educadores, evitando impactos negativos na vinculação afetiva (Wakulicz, 2024). A psicanálise reforça que o ambiente de cuidados e as experiências de brincadeira estruturam a subjetividade da criança (Winnicott, 1965).

Em síntese, a ascensão da Era Digital transforma profundamente o cotidiano infantil e familiar, exigindo atenção cuidadosa para que a tecnologia seja incorporada de maneira equilibrada e construtiva (Hilbert, 2020).

2.3.2 A Tecnologia no Cotidiano

No dia a dia, a tecnologia digital influencia a comunicação, o aprendizado e o entretenimento, com impactos diretos no desenvolvimento infantil (David e Freitas, 2024). Crianças têm acesso precoce a informações e estímulos digitais, o que pode interferir na atenção e na interação social (Hilbert, 2020).

O uso de telas modifica as experiências de brincar, essenciais para a construção do mundo interno e da subjetividade da criança (Wakulicz, 2024). Winnicott (1965) já enfatizava a importância do brincar para a saúde psíquica, e a tecnologia introduz novas formas de interação que devem ser mediadas pelo adulto.

Além disso, o cotidiano digital influencia hábitos e rotinas, exigindo dos pais atenção constante para equilibrar o tempo de tela com atividades presenciais e sociais (David e Freitas, 2024). Estudos apontam que a supervisão parental é crucial para prevenir efeitos negativos no comportamento e na regulação emocional (Hilbert, 2020).

A Psicanálise evidencia que a experiência direta com o mundo real é insubstituível para o desenvolvimento do ego e das relações afetivas (Freud, 1905; Klein, 1932). Portanto, o uso de tecnologias deve ser orientado e limitado, respeitando o ritmo de cada criança (Wakulicz, 2024).

Por fim, a tecnologia no cotidiano oferece oportunidades, mas também desafios que requerem atenção e mediação. Compreender seu impacto é fundamental para promover um desenvolvimento saudável e equilibrado na primeira infância (David e Freitas, 2024).

2.3.3 Velocidade da Inovação Tecnológica

A inovação tecnológica tem avançado rapidamente nas últimas décadas, com impactos significativos em todos os setores da sociedade (Hilbert, 2020). Dispositivos digitais e ferramentas educacionais são constantemente atualizados, exigindo adaptação de crianças, famílias e educadores (David e Freitas, 2024).

No contexto psicanalítico, mudanças rápidas no ambiente infantil podem afetar o desenvolvimento emocional, exigindo atenção à estabilidade das experiências de vinculação e brincadeira (Winnicott, 1965). A velocidade da inovação demanda um cuidado extra para evitar sobrecarga sensorial e emocional (Wakulicz, 2024).

Pesquisas apontam que a rápida introdução de novas tecnologias pode interferir na atenção, na memória e na regulação emocional das crianças pequenas (David e Freitas, 2024). Freud (1905) já destacava que experiências repetidas e previsíveis são essenciais para a estruturação psíquica na infância.

O ritmo acelerado da tecnologia também impacta a educação, exigindo adaptação constante de metodologias de ensino e estratégias de aprendizagem (Hilbert, 2020). A psicanálise indica que a supervisão adulta é fundamental para que a criança se beneficie da tecnologia sem comprometer seu desenvolvimento afetivo (Klein, 1932).

Em resumo, a velocidade da inovação tecnológica apresenta desafios e oportunidades. O acompanhamento atento por parte de pais, educadores e profissionais de saúde é essencial para promover um uso equilibrado, garantindo o desenvolvimento saudável na primeira infância (Wakulicz, 2024).

2.4 A influência da tecnologia na primeira infância

A introdução precoce de dispositivos eletrônicos, como televisores, tablets e smartphones, modifica não apenas os hábitos diários das crianças, mas também interfere diretamente na constituição psíquica, na elaboração simbólica e na construção dos vínculos afetivos (Nobre, 2021). Sob a perspectiva da Psicanálise, o contato humano direto e a interação lúdica são essenciais para que a criança possa internalizar figuras significativas e desenvolver sua subjetividade de maneira saudável (Winnicott, 1971).

Diversos estudos apontam que o uso excessivo de telas na primeira infância pode afetar o desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional. Pesquisas longitudinais revelam que crianças expostas a mais de uma hora diária de tela apresentam maior vulnerabilidade em áreas como atenção, linguagem, memória e habilidades sociais (Sugiyama et al., 2023). Além disso, revisões sistemáticas indicam que a exposição precoce a mídias digitais está associada a atrasos na aquisição de vocabulário, diminuição da capacidade de concentração e alterações no sono, reforçando a necessidade de monitoramento e mediação por parte dos cuidadores (Domingues-Montonari, 2017).

Sob a ótica da Psicanálise, o brincar simbólico é fundamental para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Por meio do brincar, a criança representa e processa suas experiências, fantasias e conflitos internos, constituindo

o espaço potencial de elaboração psíquica (Klein, 1935; Winnicott, 1971). A substituição desse brincar por interações mediadas por telas limita as oportunidades de simbolização, podendo comprometer a construção de vínculos seguros e a capacidade de elaborar emoções. Estudos indicam que o tempo excessivo de tela diminui o engajamento em atividades lúdicas e a interação social entre pares, interferindo diretamente na construção do self e na diferenciação frente ao outro (Smith et al., 2022).

Outro aspecto relevante é o papel das tecnologias na mediação da relação entre criança e cuidador. A Psicanálise enfatiza a importância do holding e do containment, conceitos propostos por Winnicott, que descrevem a função do cuidador de sustentar emocionalmente a criança, fornecendo um ambiente seguro para suas experiências simbólicas (Winnicott, 1960). Quando a tela ocupa o lugar da mediação cuidadora, ela pode atuar como um “aparelho de pacificação” que reduz a frustração imediata, mas não promove a elaboração psíquica necessária ao desenvolvimento emocional saudável (Sehon, 2021).

Além disso, os dispositivos digitais interferem na construção da atenção e da capacidade de tolerar frustração. A estimulação constante e imediata oferecida pelas telas pode reduzir a habilidade da criança de aguardar recompensas, refletir ou criar soluções para problemas, limitando processos cognitivos e emocionais essenciais (Lima & Ferreira, 2022). Nesse contexto, a Psicanálise alerta para a importância de um equilíbrio entre estímulos digitais e experiências reais, que promovam o desenvolvimento da subjetividade e a capacidade de simbolizar.

É importante destacar que a relação da criança com a tecnologia deve ser compreendida de forma qualitativa, e não apenas quantitativa. Pesquisas indicam que a mediação ativa de cuidadores durante o uso de telas por meio de diálogos, comentários e contextualização do conteúdo, reduz significativamente os impactos negativos sobre o desenvolvimento cognitivo e socioemocional (Children & Screens Research Lab, 2022). Assim, a tecnologia não precisa ser completamente evitada, mas deve ser utilizada de maneira supervisionada, integrada ao espaço lúdico e relacional da criança, promovendo experiências significativas e simbólicas (Campanário, 2021).

Embora haja consenso sobre os potenciais efeitos adversos do excesso de telas, alguns estudos destacam que não existe determinismo absoluto. Pesquisas com crianças maiores, entre 9 e 12 anos, não encontraram efeitos deletérios significativos

no funcionamento cerebral ou bem-estar relacionados ao tempo de tela (Miller et al., 2023). Isso sugere que os impactos variam de acordo com fatores contextuais, como ambiente familiar, qualidade do conteúdo consumido, participação ativa dos cuidadores e níveis socioeconômicos, elementos que a Psicanálise reconhece como fundamentais para a constituição do psiquismo infantil (Erickson, 1950).

Em síntese, a influência da tecnologia na primeira infância deve ser analisada sob múltiplos ângulos: tempo de exposição, qualidade do conteúdo, presença e mediação do cuidador, além das oportunidades para o brincar simbólico e o desenvolvimento de vínculos afetivos seguros. A Psicanálise enfatiza que a criança necessita de experiências reais, intersubjetivas e simbólicas para constituir seu mundo interno. Assim, a tecnologia pode ser utilizada de maneira construtiva, desde que não substitua o espaço de elaboração psíquica, nem prejudique o encontro emocional com figuras significativas.

2.5 Mãe, bebê e o brincar nas fases do amadurecimento

O amadurecimento emocional da criança, segundo Winnicott (1958/2005), tem início a partir da relação primeira entre mãe e bebê. É nesse encontro que se estabelece o “ambiente suficientemente bom”, isto é, um contexto de cuidado e presença afetiva que permite ao bebê sentir-se seguro para existir. A mãe, ao se adaptar quase completamente às necessidades do filho, sustenta o desenvolvimento das primeiras experiências de integração psíquica. Essa adaptação sensível, mais do que técnica, é afetiva e espontânea, nasce daquilo que o autor chama de mãe dedicada comum, figura capaz de oferecer estabilidade emocional e acolhimento. No contexto contemporâneo, a presença dessa mãe tem sido frequentemente ameaçada pela interferência das telas, que, ao mediar ou interromper o contato visual e afetivo, podem fragilizar a base emocional do bebê (Winnicott, 1966; Ribner; McMinn; Mitchell, 2023).

Nos primeiros meses de vida, a dependência do bebê é absoluta, ele ainda não se reconhece como um ser separado da mãe e encontra nela a continuação de sua própria existência (Winnicott, 1966). O ambiente, representado pela figura materna, cumpre a função de sustentar essa ilusão de unidade, permitindo que o eu se forme gradualmente. A presença materna, portanto, não é apenas física, mas profundamente simbólica, pois oferece ao bebê a experiência de continuidade e previsibilidade. Quando essa presença é substituída por interações mediadas por

dispositivos digitais, há o risco de o bebê não encontrar um espelho humano responsivo, prejudicando a formação do self e o início do processo de simbolização, elementos essenciais ao brincar e ao desenvolvimento psíquico (Winnicott, 1971; Ceron-Litvoc, 2023).

O brincar, para Winnicott (1971), é a expressão mais autêntica da saúde emocional, pois surge no espaço potencial entre a realidade interna da criança e o mundo externo. É nesse espaço intermediário que o bebê experimenta a criatividade, a simbolização e a elaboração de suas vivências. O brincar é, portanto, o terreno do amadurecimento emocional, uma extensão da relação inicial com a mãe. Quando a infância é marcada por estímulos digitais passivos, há uma limitação dessa área potencial: a criança se vê privada de experiências espontâneas e simbólicas, fundamentais à construção do self verdadeiro. Assim, compreender o vínculo mãe-bebê e o lugar do brincar nas fases do amadurecimento é reconhecer que a tecnologia, quando ocupa o espaço da relação afetiva, pode interromper um processo vital de constituição subjetiva.

2.5.1 O ambiente suficientemente bom e a presença materna frente às telas

O conceito de ambiente suficientemente bom, formulado por Winnicott, é central para compreender o amadurecimento emocional infantil. Segundo o autor, o bebê depende de um ambiente que o sustente física e emocionalmente, possibilitando o desenvolvimento da integração psíquica e da confiança básica no mundo (Winnicott, 1958/2005). Esse ambiente é encarnado, principalmente, pela mãe ou figura cuidadora, que oferece estabilidade e acolhimento a partir de sua capacidade de adaptação sensível às necessidades do bebê. Quando essa adaptação ocorre de forma adequada, a criança começa a sentir-se real, iniciando o processo de constituição do self e da experiência de continuidade de ser (Winnicott, 1966). O ambiente suficientemente bom, portanto, não é um ideal de perfeição, mas uma presença constante e viva, que permite à criança existir em segurança, mesmo diante de pequenas falhas do cuidador.

Na contemporaneidade, o excesso de estímulos digitais tem interferido nesse ambiente primário, especialmente ao reduzir a disponibilidade emocional da mãe. Pesquisas recentes apontam que o uso de dispositivos móveis durante as interações cotidianas com o bebê prejudica o contato visual e a responsividade afetiva, aspectos essenciais para a formação do vínculo (Ribner; McMin; Mitchell, 2023). Essa

fragmentação da presença materna cria uma espécie de ambiente distraído, onde a atenção é dividida entre o bebê e a tela. Como destaca Winnicott (1965), o bebê necessita sentir-se “mantido”, não apenas fisicamente, mas emocionalmente, e a ausência dessa sustentação pode gerar falhas na integração psíquica e na formação do sentimento de continuidade. Assim, o olhar materno, antes sustentado no encontro com o bebê, passa a ser intermitente, o que enfraquece a função espelhante essencial para o desenvolvimento do eu (Winnicott, 1966).

O ambiente suficientemente bom também se relaciona à capacidade materna de acolher as falhas e transformá-las em experiências integradoras para a criança. Segundo Kehl (2019), inspirada em Winnicott, o valor da maternagem está justamente na confiança da mãe em sua própria sensibilidade, e não em padrões técnicos de perfeição. No entanto, a lógica contemporânea da eficiência e da mediação tecnológica tende a afastar as mães desse contato intuitivo com o bebê, reforçando a dependência de orientações externas e reduzindo o espaço para o vínculo espontâneo (Kehl, 2019). Quando a tecnologia assume um papel central na rotina de cuidados, a relação mãe-bebê corre o risco de se tornar mecânica e fragmentada, perdendo o caráter afetivo e simbólico que caracteriza o ambiente suficientemente bom (Ceron-Litvoc, 2023). Diante disso, é possível afirmar que a presença materna frente às telas precisa ser repensada: mais do que controlar o tempo de exposição das crianças, é fundamental resgatar o valor da presença afetiva, do olhar e da disponibilidade emocional que sustentam o início da vida psíquica.

2.5.2 A independência emocional e os limites da autonomia diante das telas

O processo de amadurecimento emocional descrito por Winnicott envolve uma trajetória que vai da dependência absoluta à relativa e, posteriormente, à independência. Essa passagem ocorre de forma gradual e depende da presença estável e responsiva do ambiente cuidador (Winnicott, 1958/2005). A conquista da independência emocional não significa a ausência de vínculos, mas a capacidade de o indivíduo manter sua coesão interna mesmo quando o objeto, no caso a mãe, não está presente. Para isso, o bebê precisa internalizar as experiências de cuidado e constância, construindo um sentimento de segurança que possibilita estar só sem sentir-se abandonado. Quando o ambiente é inconsistente ou quando a atenção materna é fragmentada pela mediação das telas, essa internalização pode ser

comprometida, dificultando o desenvolvimento da autonomia psíquica (Winnicott, 1965).

A autonomia, segundo Winnicott (1966), é um marco do amadurecimento e resulta da experiência de confiança no ambiente. Ao sentir-se sustentada por uma presença estável, a criança desenvolve a capacidade de explorar o mundo e se reconhecer como sujeito. Contudo, o contexto tecnológico atual tem modificado essa vivência: crianças cada vez mais precoces têm buscado nas telas uma forma de satisfação imediata, o que reduz o contato com o outro e a tolerância à frustração. Como aponta Ceron-Litvoc (2023), o excesso de estímulos digitais promove uma excitação constante que impede o desenvolvimento da capacidade de espera e elaboração simbólica. Essa lógica de gratificação instantânea entra em conflito com os ritmos naturais do amadurecimento emocional, que dependem de intervalos, ausências e reencontros, experiências fundamentais na construção da autonomia e da autorregulação emocional.

Além disso, o processo de independência emocional está intimamente ligado à capacidade de brincar e de estar só na presença de alguém, conforme descreve Winnicott (1971). O brincar oferece à criança um espaço simbólico de experimentação, onde ela pode exercer a criatividade e a independência sem perder o sentimento de segurança. No entanto, quando o tempo livre é substituído por atividades passivas diante das telas, esse espaço de simbolização é comprometido. Estudos recentes apontam que a exposição prolongada a dispositivos eletrônicos na infância está associada a dificuldades na regulação emocional e na formação de vínculos empáticos (Ribner; McMinn; Mitchell, 2023). Assim, a autonomia promovida pelas telas é ilusória: trata-se de uma independência desconectada, em que a criança se afasta do contato humano e perde a oportunidade de construir uma independência emocional genuína, sustentada pela experiência relacional.

2.5.3 O brincar como espaço potencial e a formação do self verdadeiro

O brincar, na teoria winnicottiana, é muito mais do que uma mera atividade recreativa; ele se configura como um espaço vital para o desenvolvimento emocional e a construção da subjetividade. Donald Winnicott, em sua obra seminal "O Brincar e a Realidade" (1971), argumenta que é no brincar que o indivíduo encontra a liberdade para expressar sua criatividade e utilizar plenamente sua personalidade. Nas palavras do autor (1971, p. 51): "É no brincar, e talvez apenas no brincar, que o indivíduo é

capaz de ser criativo e de utilizar toda a sua personalidade". Essa afirmação ressalta a importância do brincar como um terreno fértil onde a criança pode explorar sua espontaneidade e originalidade, elementos cruciais para a formação de um self autêntico e para o desenvolvimento de um senso de identidade pessoal. Através do brincar, a criança tem a oportunidade de experimentar, inventar e transformar o mundo ao seu redor, construindo um senso de si mesma coeso e significativo.

Central à teoria de Winnicott é o conceito de espaço potencial, o qual define o local onde o brincar se manifesta, atuando como uma área intermediária entre a realidade interna e externa do indivíduo. Este espaço não é nem puramente subjetivo nem totalmente objetivo, mas sim um lugar onde a fantasia e a realidade se encontram e se influenciam mutuamente. Em "O Brincar e a Realidade", Winnicott (1971, p. 127) afirma que "o espaço potencial é o lugar do brincar, o lugar onde se localiza a experiência cultural". É nesse espaço que a criança pode experimentar a liberdade de criar e transformar o mundo ao seu redor, integrando suas experiências subjetivas e construindo um senso de si mesmo que seja tanto individual quanto conectado ao mundo externo. O espaço potencial é, portanto, um local de transição e transformação, onde a criança pode se sentir segura para explorar e experimentar, desenvolvendo assim sua capacidade de adaptação e resiliência.

O desenvolvimento do self verdadeiro está intrinsecamente ligado às experiências de autenticidade e espontaneidade vivenciadas no ambiente de cuidado, especialmente na relação com a mãe ou cuidador principal. Winnicott (1965) enfatiza a importância de um ambiente facilitador que permita à criança expressar suas necessidades e desejos de forma genuína, sem o medo de rejeição ou punição. Em "The Maturation Processes and the Facilitating Environment", o autor (1965, p. 148) destaca que "o self verdadeiro surge da experiência de vida que tem sido suficientemente boa". O brincar oferece um contexto seguro para que a criança possa expressar suas emoções e desejos de forma genuína, contribuindo para a construção de uma identidade autêntica e resiliente. Quando a criança é capaz de brincar livremente e expressar sua individualidade, ela desenvolve um senso de si mesma forte e confiante, capaz de enfrentar os desafios da vida com segurança e autonomia.

A capacidade de brincar permite que a criança experimente o mundo de forma segura, desenvolvendo confiança em si e em suas capacidades. Através do brincar, a criança aprende a lidar com desafios, a resolver problemas e a interagir com os outros, fortalecendo seu senso de autonomia e competência. Como ressalta David

Elkonin (1998) em "Psicologia do Jogo", "o brinquedo é uma forma de atividade na qual a criança se orienta no conteúdo essencial da atividade humana" (p. 17). O brincar não é apenas uma forma de entretenimento, mas sim uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Ao brincar, a criança aprende a negociar, a cooperar, a seguir regras e a lidar com frustrações, habilidades essenciais para o sucesso na vida adulta. Além disso, o brincar estimula a criatividade, a imaginação e a capacidade de resolver problemas, tornando a criança mais adaptável e resiliente.

Entretanto, a crescente exposição a telas e a diminuição do tempo dedicado ao brincar livre podem limitar o espaço potencial e prejudicar a formação do self verdadeiro. Estudos têm demonstrado que o uso excessivo de tecnologia pode interferir no desenvolvimento da capacidade de atenção, da criatividade e da interação social, elementos cruciais para o desenvolvimento saudável da criança. Jane Brody (2013), em um artigo no The New York Times, alerta que "o uso excessivo de tecnologia pode interferir no desenvolvimento da capacidade de atenção, na criatividade e na interação social" (p. 32). A falta de experiências de brincar pode levar a um senso de desconexão e inautenticidade, impactando negativamente o desenvolvimento emocional e social da criança. É fundamental que pais e educadores incentivem o brincar livre e criativo, oferecendo oportunidades para que as crianças explorem o mundo ao seu redor e desenvolvam suas habilidades e talentos de forma plena e saudável.

2.5.4 As falhas no brincar e no vínculo materno diante do excesso de telas

O brincar e o vínculo materno, elementos cruciais para o desenvolvimento psíquico infantil, sofrem impactos significativos com o aumento da exposição a telas na primeira infância. Winnicott (1971) destaca que o brincar é um espaço potencial onde a criança experimenta a criatividade e a simbolização, construindo um senso de si mesma. No entanto, quando as telas se tornam mediadoras predominantes, esse espaço é restringido, limitando as oportunidades de expressão genuína e de elaboração de conflitos internos. A ausência de interações lúdicas e presenciais pode comprometer a capacidade da criança de transformar experiências em representações mentais duradouras, essenciais para o amadurecimento psíquico (Ceron-Litvoc, 2023).

O vínculo materno, por sua vez, é fundamental para o estabelecimento de um ambiente suficientemente bom, no qual a criança se sente segura e acolhida. Winnicott (1965) enfatiza a importância da adaptação sensível da mãe às necessidades do bebê, oferecendo estabilidade emocional e previsibilidade. Contudo, a crescente presença de dispositivos digitais tem interferido nesse ambiente primário, reduzindo a disponibilidade emocional da mãe e prejudicando o contato visual e a responsividade afetiva (Ribner; McMinn; Mitchell, 2023). A fragmentação da atenção materna cria uma espécie de ambiente distraído, onde a conexão entre mãe e bebê é interrompida, gerando insegurança e dificuldades na expressão do self (Winnicott, 1965).

Além disso, a substituição do brincar e do vínculo materno por estímulos digitais pode levar a uma regressão a modos primitivos de satisfação pulsional. Freud (1920/2010) descreve as pulsões de morte como uma busca por prazer instantâneo e compulsão à repetição. Nesse sentido, o vício tecnológico pode ser compreendido como uma manifestação contemporânea dessas pulsões, em que a criança busca nas telas uma forma de satisfação imediata, em vez de desenvolver a capacidade de tolerar a ausência e a frustração (Ceron-Litvoc, 2023). A criança encontra prazer e segurança ilusória nas telas, mas perde o contato com o outro real, essencial para a constituição do self verdadeiro (Winnicott, 1965).

A falta de experiências de brincar e de vínculo materno adequado pode ter consequências duradouras no desenvolvimento psíquico infantil. Estudos apontam que a exposição precoce a telas está associada a atrasos na linguagem, dificuldades na regulação emocional e problemas de comportamento (Domingues-Montanari, 2017; Sugiyama et al., 2023). A criança pode desenvolver um self falso, adaptativo e centrado em respostas externas imediatas, dificultando a expressão genuína do eu e a construção de relações interpessoais profundas e significativas (Enck, 2024). Além disso, a ausência de um ambiente suficientemente bom pode gerar sentimentos de insegurança, angústia e dificuldades na expressão do self, potencializando vulnerabilidades afetivas que podem se prolongar ao longo da infância (Winnicott, 1965).

2.6 O olhar da Psicanálise sobre a estruturação da personalidade

A Psicanálise entende que a estruturação da personalidade ocorre a partir das trocas precoces entre a criança e seus cuidadores: é nessa esfera relacional que se

formam as representações internas, as primeiras categorias de desejo e as defesas psíquicas que organizam o sujeito (Freud, 1923; Winnicott, 1965). No contexto atual, o excesso de telas na primeira infância é percebido como um fator ambiental capaz de reduzir momentos de intersubjetividade, situações ricas em expressão afetiva, olhar compartilhado e simbolização, que são essenciais para a construção do self e do superego. Estudos recentes sobre desenvolvimento infantil mostram associações entre exposição precoce e prolongada a telas e impactos no desenvolvimento da linguagem, autorregulação e interação social, aspectos que, segundo a psicanálise, ajudam a moldar trajetórias organizacionais da personalidade (Muppala, 2023; Madigan, 2019).

Na ótica psicanalítica, a internalização de figuras parentais e a capacidade de contenção emocional, ou seja, a habilidade do cuidador em tolerar e mentalizar os estados afetivos da criança, são centrais para a estruturação psíquica (Fonagy; Bateman, 2016). Quando as telas passam a ocupar tempo e funções que antes eram de mediação e presença parental, há risco de empobrecimento das oportunidades de mentalização e do diálogo emocional mãe-filho(a). Pesquisas sobre parental reflective functioning e interações parentais mostram que níveis menores de mentalização parental se correlacionam com menos trocas afetivas e pior regulação emocional infantil; portanto, ambientes multitela podem funcionar como mediadores indiretos de fragilização das condições necessárias à constituição de uma estrutura psíquica mais integrada (Santelices, 2022; Veldman, 2023).

Finalmente, do ponto de vista clínico e conceitual, a psicanálise alerta que a fragilização das bases relacionais na primeira infância, seja por presença parental distraída, seja por uso substitutivo de telas, tende a aumentar a dependência de modos de gratificação imediata e a reduzir espaços para simbolização e tolerância à frustração, elementos necessários para a formação de defesas adaptativas e de uma identidade sustentada (Mendes, 2020; Puccinelli, 2023). Revisões e estudos de escopo contemporâneos reforçam que o uso excessivo de telas está associado a trajetórias de desenvolvimento com risco aumentado para dificuldades socioemocionais e de vinculação, o que, pensado psicanaliticamente, pode repercutir na organização da personalidade e na qualidade das relações futuras. Por isso, a intervenção preventiva favorecida pela Psicanálise prioriza a restauração de momentos de presença, brincadeira e narração compartilhada, condições que promovem simbolização e internalizações benéficas para a estruturação psíquica.

2.6.1 A constituição do Eu na primeira infância

Na primeira infância, a formação inicial do Eu se ancora nas interações recíprocas entre o bebê e seus cuidadores primários: é nessa interface de trocas corporais, vocalizações, ritmos de atenção e contenção que o sujeito em germinação passa a receber as primeiras mediações simbólicas do mundo. Autores que retomam a tradição winnicottiana enfatizam que a experiência de “holding” e “handling”, isto é, o cuidado físico e a contenção emocional, cria um campo onde o bebê começa a perceber regularidades e a construir a sensação de continuidade do próprio corpo, condição necessária para a emergência de um núcleo euístico. Essa perspectiva evidencia que o Eu, na sua origem, não é uma instância interior e autônoma, mas um efeito relacional: constitui-se numa dependência que permite mais tarde a separação e a autonomia. (Silva, 2016).

O processo de identificação especular também tem papel decisivo: ao reconhecer sua imagem no outro (no espelho, no olhar do cuidador), a criança passa a formar uma representação integrada do corpo-imagem que servirá de suporte para as primeiras identificações. A formulação lacaniana do estágio do espelho, retomada por estudos contemporâneos em psicanálise, mostra como essa identificação com uma imagem exterior funda a sensação de unidade do eu, embora sempre marcada por uma alienação originária, o Eu constitui-se por meio de um duplo movimento de reconhecimento e perda. Em termos práticos, a imagem especular organiza uma forma inaugural de autorreconhecimento que será trabalhada e reelaborada no vínculo com a linguagem e com as figuras de cuidado. (Magalhães, 2006).

A entrada na simbolização, que pode vir por meio de objetos transicionais, do brincar e das primeiras representações, favorece o que Winnicott chamou de “sentir-se real”: a criança cria objetos e signos que a ajudam a diferenciar o que é eu e o que é não-eu, internalizando a presença do outro e desenvolvendo um universo interno de representações. O uso de objetos transicionais e a progressiva capacidade de brincar indicam um deslocamento de experiências sensório-motoras para formas simbólicas de relação com o mundo, o que é um alicerce para a consolidação do Eu. A leitura dos fenômenos transicionais, portanto, sustenta que a constituição do Eu passa tanto por operações imaginárias quanto por processos de simbolização que dependem da qualidade do cuidado. (Fulgencio, 2011).

Do ponto de vista freudiano e de releituras contemporâneas, a infância é o lugar de inscrição de traços que marcarão a organização futura do psiquismo: experiências

precoces, repetições e recalcamientos atuam como material de trabalho que será articulado na construção do Eu. Estudos que analisam a discussão freudiana sobre o “infantil” confirmam que a forma como experiências e conflitos precoces são simbolizados (ou não) influencia diretamente a estruturação do eu e a sua relação com o desejo. Assim, o Eu não surge pronto; ele é constituído por operações de inscrição, nomeação e recalcamiento que atravessam as primeiras vivências relacionais e a entrada no discurso do outro. (Zavaroni, 2007).

Por fim, a constituição do Eu na primeira infância tem caráter dinâmico e plural: além de imagens e símbolos, ela se apoia em rotinas de cuidado, repertórios de intersubjetividade, e no brincar compartilhado que permite testar limites, expectativas e diferenças. Pesquisas e revisões contemporâneas retomam a importância do ambiente suficientemente bom (na acepção winnicottiana) e da rede social/cuidativa em torno da criança para que surjam as condições de confiança e de simbolização necessárias ao desenvolvimento de um Eu robusto, capaz de se relacionar com o outro sem desagregar-se. Em síntese, a constituição do Eu na primeira infância é um processo relacional, imagético e simbólico — resultado do entrelaçamento entre corpo, imagem, linguagem e cuidado. (Passone, 2016).

2.6.5 Fragilização da identidade e novas formas de subjetivação na era digital

A infância contemporânea se desenvolve em um contexto profundamente marcado pelo excesso de estímulos digitais e pela diminuição das experiências relacionais diretas. O uso precoce de telas, que antes era apenas um recurso auxiliar, tornou-se mediador central das vivências emocionais, cognitivas e afetivas das crianças. Essa exposição intensa a dispositivos tecnológicos interfere nas condições de constituição da subjetividade, pois, segundo Freud (1923/2011), o ego se forma a partir das primeiras identificações e da relação com o outro. Quando o contato humano é substituído por interações mediadas por telas, a criança perde parte do processo de espelhamento e de reconhecimento afetivo que sustenta o sentimento de continuidade do eu. Pesquisas atuais demonstram que o uso constante de dispositivos digitais reduz a capacidade de atenção compartilhada e a sensibilidade emocional, aspectos fundamentais para a constituição psíquica (Radesky; Schumacher; Zeckerman, 2020).

Winnicott (1965/1990) propõe que o desenvolvimento emocional saudável depende de um “ambiente suficientemente bom”, no qual a criança possa sentir-se segura para existir e se expressar. O ambiente digital, por outro lado, oferece

excitação constante, mas pouco espaço para a experiência emocional autêntica. A ausência de respostas afetivas humanas, como o olhar, o toque e a voz, fragiliza o processo de integração do self e favorece o surgimento de um “falso self”, moldado pela lógica da performance e da recompensa imediata. Estudos contemporâneos, como o de Radesky et al. (2020), confirmam que crianças expostas a longos períodos de telas apresentam menor capacidade de regulação emocional e maior dependência de estímulos externos, refletindo uma fragilidade na autonomia psíquica.

Do ponto de vista lacaniano, o sujeito se constitui no campo do Outro, pela linguagem e pelo olhar que o nomeia e o reconhece (Lacan, 1964/2008). Na era digital, o olhar humano é frequentemente substituído pelo brilho das telas, e o Outro simbólico dá lugar a uma multiplicidade de imagens e vozes anônimas. Essa substituição altera a dinâmica do desejo e da falta, fundamentais para o amadurecimento psíquico. A criança passa a se identificar com imagens virtuais idealizadas, afastando-se do contato com o real e das frustrações necessárias ao desenvolvimento do desejo e da simbolização. Lacan (1949/1998) já alertava que o eu se forma num jogo de espelhos e identificações; hoje, esse espelho é eletrônico e fragmentado, refletindo um eu instável e condicionado à lógica do consumo e da visibilidade.

Fonagy e Target (2005) destacam que a capacidade de mentalização, isto é, compreender os próprios estados mentais e os dos outros, surge das interações afetivas reais e da responsividade emocional do cuidador. A mediação excessiva por telas empobrece essas trocas e limita o desenvolvimento da empatia, da autorregulação e da consciência emocional. Estudos recentes indicam que o excesso de estímulos tecnológicos está associado a atrasos na linguagem e à dificuldade de simbolizar experiências, levando àquilo que Radesky e Christakis (2016) chamam de “empobrecimento relacional”: uma redução qualitativa das experiências humanas diretas, substituídas por estímulos artificiais.

Em síntese, a era digital tem promovido novas formas de subjetivação, nas quais a identidade infantil se constrói sob o domínio da imagem e da excitação constante. O excesso de telas e a diminuição do contato humano fragilizam o processo de simbolização, empobrecendo a vida emocional e a formação do self verdadeiro. Retomar o valor do vínculo, do brincar e da presença afetiva é essencial para restaurar os espaços de simbolização que a tecnologia tende a ocupar. Como ressalta Winnicott (1971), é na experiência criativa e no encontro vivo com o outro que o sujeito se descobre e encontra o sentido de existir. A Psicanálise, ao iluminar essas

transformações, reafirma a importância do olhar, da palavra e da relação humana na sustentação da identidade e do desenvolvimento emocional das crianças na contemporaneidade.

2.7 Os transtornos adquiridos pelo uso excessivo de telas

Nos primeiros anos de vida, a interação com o outro-vivo, cuidador, ambiente, objeto transicional, constitui o alicerce da própria constituição do sujeito, segundo a psicanálise (Donald W. Winnicott, 1971). Essa mediação simbólica permite à criança elaborar experiências, brincar, investir no mundo e consolidar a estrutura psíquica de base. Quando, porém, o uso das telas substitui de modo frequente ou intenso esses encontros relacionais, por oferecer estimulação imediata, visual e auditiva constante, pode ocorrer empobrecimento dessa vivência simbólica e uma sobrecarga do aparelho psíquico em formação. Nesse contexto, estudos recentes apontam que a exposição a telas em idades precoces está associada a alterações no sono, na aprendizagem, no comportamento e no corpo da criança. Por exemplo, uma revisão sistemática identificou que o uso de telas se correlaciona com menor duração e qualidade do sono em crianças e adolescentes.

Sob o olhar psicanalítico, essas manifestações não podem ser vistas apenas como “efeitos externos” ou “mau hábito”, mas como indicadores de vínculo fragilizado, simbolização reduzida e investimento libidinal deslocado. Segundo Sigmund Freud (1923), o ego se consolida a partir da interação entre o mundo interno e o externo, mediando pulsões, realidade e relações objetais (Freud, 1923/2011). Quando a criança permanece em estado contínuo de excitação dirigido por conteúdo visual-auditivo da tela e sem pausa simbólica, perde-se o momento de “processar” afetos, conter tensões e constituir a capacidade de simbolizar. Essa ausência de tempo e espaço psíquico para reflexão e transformação torna-se terreno fértil para a instalação de transtornos adquiridos, ou seja, condições adversas que se desenvolvem a partir da relação entre a criança, as telas e o contexto ambiental. A seguir, são detalhados quatro conjuntos de transtornos: do sono e fadiga mental; cognitivos e de aprendizagem; emocionais e comportamentais; e físicos.

2.7.1 Transtornos do sono e fadiga mental

O sono é um dos principais afetados pelo uso excessivo de telas, principalmente quando expostas antes de dormir. Segundo uma meta-análise

publicada na *Frontiers in Psychiatry*, crianças com mais de duas horas diárias de tela apresentam maior latência do sono, despertares noturnos e sonolência diurna (Cain; Gruenwald; Zhu, 2024). A exposição à luz azul inibe a secreção de melatonina, hormônio regulador do ciclo circadiano, o que interfere na qualidade e duração do sono (Chang et al., 2015). Do ponto de vista psicanalítico, o sono representa o momento de elaboração inconsciente e de integração da experiência diurna. A privação desse processo pode comprometer o desenvolvimento psíquico e a capacidade de simbolização (Freud, 1900/2019).

Winnicott (1971/1975) enfatiza que o sono na infância é sustentado pela sensação de segurança e continuidade do ser, experiências que se formam a partir da presença materna. O uso da tela antes de dormir, ao gerar hiperexcitação, substitui o contato afetivo e rompe a transição tranquila entre vigília e sono. Assim, a criança perde o espaço de regressão necessário para metabolizar afetos e reorganizar o eu, resultando em fadiga mental, irritabilidade e dificuldade de concentração (Wilson et al., 2023). Em muitos casos, o excesso de estímulos digitais provoca o que alguns autores chamam de “insônia tecnológica infantil”, associada a sobrecarga cognitiva precoce (Franco; Teixeira, 2022).

2.7.2 Transtornos cognitivos e de aprendizagem

Diversos estudos apontam que o tempo excessivo de tela está relacionado a prejuízos no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem, sobretudo em crianças pequenas (Hinkley et al., 2020). Pesquisas longitudinais demonstram que o uso precoce de dispositivos digitais está associado a atrasos na linguagem expressiva e receptiva, além de dificuldades de memória e atenção sustentada (Madigan et al., 2019). Segundo Dolto (1985), a aquisição simbólica depende do encontro com o outro, da fala dirigida e do olhar que reconhece elementos ausentes na interação unilateral com as telas.

Do ponto de vista psicanalítico, a linguagem é o primeiro organizador da subjetividade; é através dela que o sujeito adquire significantes para representar o mundo interno (Lacan, 1953/1998). Quando há substituição do diálogo vivo por sons e imagens digitais, a criança perde parte dessa possibilidade de significar suas experiências, favorecendo um funcionamento mais concreto e menos reflexivo. Consequentemente, surgem dificuldades na aprendizagem escolar, pois a atenção e

a simbolização, funções psíquicas complexas, encontram-se prejudicadas (Winnicott, 1971/1975).

2.7.3 Transtornos emocionais e comportamentais

A literatura aponta uma forte associação entre uso excessivo de telas e sintomas emocionais, como ansiedade, irritabilidade e depressão infantil (Liu et al., 2021). Um estudo da BMC Pediatrics revelou que crianças com mais de quatro horas diárias de tela apresentam o dobro de risco para comportamentos externalizantes e problemas de autorregulação emocional (Trott et al., 2022). Esses sintomas, no olhar psicanalítico, revelam uma falha na contenção afetiva e na função materna, pois a mediação simbólica é substituída por um objeto inanimado que não devolve o olhar, nem sustenta o desejo.

Freud (1920/2010) já apontava que a ausência de simbolização gera compulsão à repetição, busca incessante por estímulo e satisfação imediata. As telas funcionam como objetos de gozo, mobilizando o circuito pulsional e dificultando a experiência da falta, essencial para o amadurecimento emocional. Winnicott (1971/1975) acrescenta que o brincar é o espaço de elaboração criativa dos conflitos internos; quando substituído por estímulos digitais, a criança tende à passividade e à dificuldade de lidar com frustrações, gerando sintomas comportamentais como agressividade, dependência emocional e isolamento social.

2.7.4 Transtornos físicos

Além dos impactos psíquicos, o uso excessivo de telas está relacionado a múltiplos prejuízos físicos, como sedentarismo, dores musculares, obesidade e alterações posturais (Ruiz et al., 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) recomenda que crianças menores de 5 anos não ultrapassem uma hora diária de tempo de tela, justamente para evitar tais riscos. A manutenção prolongada de posturas inadequadas compromete o desenvolvimento motor e pode provocar cefaleia e fadiga ocular (Kim; Lee; Park, 2022).

Pela ótica psicanalítica, o corpo é o primeiro lugar de inscrição da experiência emocional, o “corpo vivido” de Dolto (1985). Quando o corpo é reduzido à imobilidade diante da tela, há um empobrecimento da experiência sensório-motora e simbólica. O brincar corporal, que deveria permitir descarga pulsional e elaboração de tensões, é

substituído por um estado de excitação sem expressão física, contribuindo para sintomas psicossomáticos e dificuldades na percepção do próprio corpo (Winnicott, 1971/1975).

2.8 O papel do psicólogo e intervenção no uso excessivo de telas

Estudos indicam que a exposição prolongada a dispositivos digitais pode interferir na capacidade da criança de estabelecer vínculos afetivos seguros e de desenvolver habilidades de autorregulação emocional (Campana, 2025). Nesse contexto, o psicólogo desempenha um papel fundamental na identificação precoce de sinais de uso problemático e na implementação de intervenções terapêuticas adequadas.

A avaliação do uso de telas envolve a utilização de ferramentas específicas, como questionários aplicados aos pais e observações clínicas diretas. Essas ferramentas permitem mapear os padrões de uso, identificar comportamentos associados e compreender os impactos no desenvolvimento emocional e social da criança (Puccinelli, 2023). A partir dessa avaliação, o psicólogo pode delinear estratégias de intervenção que considerem as necessidades individuais da criança e o contexto familiar.

As intervenções clínicas devem ser adaptadas às características de cada criança, incorporando abordagens que promovam a autorregulação emocional e o fortalecimento dos vínculos afetivos. A psicoterapia psicanalítica, por exemplo, oferece um espaço para que a criança explore suas fantasias, sentimentos e conflitos internos, promovendo a compreensão do significado subjetivo do uso de telas e facilitando a elaboração de experiências emocionais (Albornoz, 2004). Além disso, a intervenção familiar é essencial para criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento saudável da criança.

A psicoeducação dirigida aos pais é uma estratégia eficaz na prevenção e no manejo do uso excessivo de telas. Programas de orientação que fornecem informações sobre os riscos associados ao uso excessivo de dispositivos digitais, estratégias para estabelecer limites saudáveis e a importância de atividades alternativas contribuem para capacitar os cuidadores a promoverem um ambiente que favoreça o desenvolvimento emocional e social da criança (Nobre, 2021). A colaboração entre pais, educadores e profissionais de saúde mental é crucial para implementar essas estratégias de forma eficaz.

Além disso, a construção de rotinas familiares que integrem o uso de telas de maneira equilibrada é uma estratégia eficaz na promoção do bem-estar infantil. Estabelecer horários específicos para o uso de dispositivos digitais, garantir períodos livres de telas antes do sono e incentivar a participação em atividades físicas e sociais contribuem para a regulação emocional da criança e a prevenção de comportamentos problemáticos (Desmurget, 2023). A participação ativa dos pais no processo terapêutico fortalece a rede de apoio da criança e facilita a implementação de mudanças comportamentais sustentáveis.

2.8.1 Avaliação do uso de telas

A avaliação do uso de telas na primeira infância requer uma abordagem abrangente que considere diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Questionários aplicados aos pais, como o “Questionário de Uso de Mídias por Crianças”, permitem coletar informações sobre a frequência, duração e tipo de conteúdo consumido pelas crianças, além de identificar possíveis comportamentos associados ao uso excessivo, como irritabilidade ou dificuldades de atenção (Nobre, 2021). Essas ferramentas são fundamentais para estabelecer um diagnóstico inicial e direcionar as intervenções necessárias.

A identificação de sinais precoces de dependência digital é um aspecto crucial na avaliação. Comportamentos como resistência à interrupção do uso de telas, preferência por atividades digitais em detrimento de interações sociais e dificuldades em regular as emoções sem o auxílio de dispositivos são indicativos de uso problemático (Puccinelli, 2023). Detectar esses sinais precocemente permite a implementação de estratégias terapêuticas mais eficazes e a prevenção de consequências mais graves no desenvolvimento da criança.

A avaliação deve também considerar o contexto familiar e social da criança, uma vez que fatores como o ambiente doméstico, a presença de modelos de comportamento e as práticas parentais influenciam diretamente o padrão de uso de telas. Estudos sugerem que famílias que estabelecem limites claros para o uso de dispositivos digitais e que incentivam atividades alternativas contribuem para um desenvolvimento mais equilibrado da criança (Nobre, 2021). Portanto, a avaliação deve ser holística, envolvendo todos os aspectos que podem impactar o comportamento da criança.

2.8.2 Estratégias de intervenção clínica

As estratégias de intervenção clínica devem ser personalizadas, levando em consideração as características individuais da criança e o contexto familiar. A psicoterapia psicanalítica oferece um espaço para que a criança explore suas fantasias, sentimentos e conflitos internos, promovendo a compreensão do significado subjetivo do uso de telas e facilitando a elaboração de experiências emocionais (Al, 2004). Essa abordagem permite que a criança desenvolva maior capacidade de autorregulação emocional e estabeleça vínculos afetivos mais seguros.

Além da psicoterapia individual, a intervenção familiar é fundamental para promover mudanças no ambiente doméstico que favoreçam o desenvolvimento saudável da criança. Orientações aos pais sobre a importância de estabelecer limites claros para o uso de telas, a criação de rotinas que incluam atividades não digitais e a promoção de interações familiares enriquecedoras são estratégias eficazes para reduzir o uso excessivo de dispositivos digitais (Puccinelli, 2023). A participação ativa dos pais no processo terapêutico fortalece a rede de apoio da criança e facilita a implementação de mudanças comportamentais sustentáveis.

A psicoeducação dirigida aos pais é uma ferramenta essencial na intervenção. Programas de treinamento que abordam temas como a identificação de sinais de uso problemático de telas, a importância de limites saudáveis e a promoção de atividades alternativas contribuem para capacitar os cuidadores a desempenharem um papel ativo na regulação do uso de dispositivos digitais (Nobre, 2021). A psicoeducação fortalece a compreensão dos pais sobre os impactos do uso excessivo de telas e os envolve de maneira proativa no processo de intervenção.

Além disso, a abordagem psicanalítica permite compreender o significado subjetivo do uso de telas, incluindo a função de conforto emocional, evasão de frustrações ou substituição de vínculos afetivos ausentes. A interpretação dessas experiências auxilia na construção de estratégias personalizadas de intervenção (Wolkowitz, 2018). Essa compreensão profunda das motivações da criança permite que o psicólogo desenvolva intervenções mais eficazes e direcionadas.

2.8.3 Psicoeducação e orientação a cuidadores

A psicoeducação e a orientação aos cuidadores são componentes essenciais na prevenção e no manejo do uso excessivo de telas na primeira infância. Programas

de orientação que fornecem informações sobre os riscos associados ao uso excessivo de dispositivos digitais, estratégias para estabelecer limites saudáveis e a importância de atividades alternativas são fundamentais para capacitar os pais a promoverem um ambiente que favoreça o desenvolvimento emocional e social da criança (Puccinelli, 2023).

A construção de rotinas familiares que integrem o uso de telas de maneira equilibrada é uma estratégia eficaz na promoção do bem-estar infantil. Estabelecer horários específicos para o uso de dispositivos digitais, garantir períodos livres de telas antes do sono e incentivar a participação em atividades físicas e sociais contribuem para a regulação emocional da criança e a prevenção de comportamentos problemáticos (Desmurget, 2023). A colaboração entre pais, educadores e profissionais de saúde mental é crucial para implementar essas estratégias de forma eficaz.

Além disso, a orientação aos cuidadores deve incluir o desenvolvimento de habilidades para reconhecer sinais de uso problemático de telas e estratégias para intervir de maneira construtiva. Ensinar os pais a estabelecerem limites claros, a reforçarem comportamentos positivos e a promoverem alternativas atraentes ao uso de dispositivos digitais são aspectos fundamentais na psicoeducação (Nobre, 2021). A capacitação dos cuidadores fortalece a rede de apoio da criança e facilita a implementação de mudanças comportamentais sustentáveis.

A psicoeducação também deve abordar a importância da co-visualização, ou seja, o acompanhamento dos pais durante o uso de dispositivos digitais. Estudos indicam que a co-visualização pode promover interações significativas, facilitando a compreensão do conteúdo e fortalecendo os vínculos afetivos (Souza et al., 2025). Essa prática contribui para um uso mais consciente e saudável das telas.

Por fim, a psicoeducação deve ser contínua e adaptada às necessidades específicas de cada família. A oferta de recursos, como workshops, materiais educativos e apoio psicológico, é essencial para manter os cuidadores informados e engajados no processo de promoção de um desenvolvimento saudável da criança (Puccinelli, 2023).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender que o excesso de telas na primeira infância ultrapassa a dimensão do entretenimento, configurando-se como um fenômeno que interfere diretamente no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Em uma sociedade marcada pela intensa presença das tecnologias digitais no cotidiano familiar, o contato precoce com telas tem se tornado cada vez mais frequente, muitas vezes ocupando espaços anteriormente destinados às interações afetivas, ao brincar e às experiências relacionais fundamentais ao desenvolvimento infantil. Sob o olhar da Psicanálise, foi possível identificar que a exposição excessiva às tecnologias digitais compromete experiências essenciais para a constituição psíquica da criança, como o brincar simbólico, a construção dos vínculos afetivos, a capacidade de simbolização e a presença responsiva do cuidador.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, observou-se que a infância necessita de experiências humanas reais para que o sujeito possa elaborar emoções, desenvolver sua criatividade e construir sua subjetividade de maneira saudável. Nesse sentido, o brincar ocupa papel central no desenvolvimento emocional, uma vez que possibilita à criança expressar sentimentos, elaborar angústias e construir significados acerca do mundo e de si mesma. Entretanto, quando as telas passam a ocupar excessivamente o cotidiano infantil, tais experiências podem ser reduzidas ou substituídas por estímulos rápidos e repetitivos, limitando processos importantes para o amadurecimento psíquico e emocional.

Em resposta ao problema de pesquisa, conclui-se que o excesso de telas na primeira infância fragiliza as experiências fundantes do olhar, da palavra e da relação com o outro, comprometendo processos psíquicos essenciais para a formação do sujeito e do desejo. Os estudos analisados demonstraram que a substituição das interações humanas por estímulos digitais reduz oportunidades de simbolização, dificulta a elaboração emocional e enfraquece a constituição do self verdadeiro, conforme discutido pelos autores. Além disso, evidenciou-se que o uso excessivo das tecnologias pode favorecer comportamentos de irritabilidade, dificuldades de atenção, prejuízos na linguagem e fragilização dos vínculos afetivos, especialmente quando associado à ausência de mediação parental e à diminuição das interações presenciais.

Outro aspecto importante identificado nesta pesquisa refere-se ao papel dos pais e cuidadores diante do uso das tecnologias na infância. Observou-se que a presença afetiva e a mediação consciente dos adultos são fundamentais para que a criança possa estabelecer uma relação mais equilibrada com os dispositivos digitais. A tecnologia, quando utilizada de maneira moderada e acompanhada, pode apresentar benefícios educativos e interativos; contudo, quando utilizada como substituta da presença emocional e das relações humanas, tende a produzir impactos significativos no desenvolvimento subjetivo infantil. Dessa forma, torna-se essencial que famílias e educadores reflitam sobre os limites, os tempos de exposição e, principalmente, sobre a qualidade das relações estabelecidas com a criança.

A Psicanálise contribui significativamente para essa discussão ao compreender que o desenvolvimento infantil ocorre a partir das relações humanas, da escuta, da presença afetiva e das experiências simbólicas vivenciadas pela criança. Diferentemente dos estímulos tecnológicos, as relações humanas oferecem possibilidades de troca, acolhimento e construção subjetiva que não podem ser reproduzidas pelas telas. Assim, compreende-se que o cuidado emocional na infância depende da oferta de ambientes suficientemente bons, capazes de favorecer segurança emocional, criatividade, espontaneidade e desenvolvimento saudável.

A relevância desta pesquisa consiste na ampliação das discussões acerca dos impactos subjetivos das tecnologias digitais na infância, oferecendo contribuições para a Psicologia, para a atuação clínica e para a orientação de famílias e educadores. Além disso, o estudo evidencia a necessidade de um olhar mais atento para os efeitos emocionais e relacionais decorrentes do uso excessivo das telas, considerando que muitas dessas consequências podem surgir de forma silenciosa e gradual no desenvolvimento infantil. Em uma sociedade cada vez mais conectada digitalmente, refletir sobre formas de cuidado que priorizem experiências relacionais reais torna-se indispensável para a promoção da saúde mental das crianças.

Por fim, destaca-se a necessidade de novas pesquisas sobre o tema, especialmente estudos de campo e investigações longitudinais que aprofundem a compreensão acerca dos efeitos do uso excessivo de telas ao longo do desenvolvimento infantil. Considerando que as tecnologias digitais estão em constante expansão e transformação, compreender seus impactos sobre a subjetividade, os vínculos afetivos e a saúde mental das crianças torna-se cada vez mais necessário. Assim, espera-se que este estudo contribua para futuras reflexões

acadêmicas e profissionais, incentivando práticas de cuidado mais conscientes, equilibradas e humanizadas frente ao uso das tecnologias na primeira infância, valorizando a importância das relações humanas na constituição psíquica e emocional da criança.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, A. C. G. **A dor e a constituição psíquica**. Psico-USF, v. 9, n. 2, p. 135-142, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusf/a/>>. Acesso em: 10 out. 2025.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. **Media and young minds**. Pediatrics, Itasca, v. 138, n. 5, p. e20162591, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/>>. Acesso em: 10 out. 2025.
- BOWLBY, John. **Attachment and loss**: Vol. 1. Attachment. New York: Basic Books, 1969.
- BRODY, J. E. **Screen time is not good for children**. The New York Times, 17, 2013.
- CAIN, N.; GRUENWALD, T.; ZHU, Y. **Screen time and sleep among school-aged children and adolescents: a systematic review and meta-analysis**. *Frontiers in Psychiatry*, v.15, 2024. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/>>. Acesso em: 24 out. 2025.
- CERON-LITVOC, Daniela. **Impacto do uso de telas no desenvolvimento inicial**. Revista Psicologia em Foco, v. 15, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/>> . Acesso em: 21 set. 2025.
- CERON-LITVOC, Débora. **O impacto das telas no desenvolvimento emocional infantil: um olhar psicanalítico sobre a relação mãe-bebê**. São Paulo: Blucher, 2023.
- CERON-LITVOC, F. **A infância e os impactos das telas na constituição psíquica: um olhar psicanalítico**. São Paulo: Blucher, 2023.
- CERON-LITVOC, L. **Impactos do uso precoce de telas no desenvolvimento infantil: aspectos emocionais e relacionais**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2023.
- CHANG, A. M. et al. **Evening use of light-emitting eReaders negatively affects sleep, circadian timing, and next-morning alertness**. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v.112, n.4, p.1232-1237, 2015.
- DAVID, Priscila Barros; FREITAS, Cristina. **Mais criança, menos telas: recomendações para uma introdução consciente ao uso de tecnologias digitais na primeira infância**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2024.
- DESMURGET, J. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para a infância e a adolescência**. Tradução de M. M. G. de Almeida. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCK, Cláudia. **Vínculo e presença: a constituição do self na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2024.

ENCK, Eluza Maria Nardino. **Vínculos afetivos e adicção às telas**. Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, v. 27, n. 1, 2024. Disponível em: <<https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/>>. Acesso em: 21 set. 2025.

ENCK, P. **Tecnologia e vínculo na primeira infância: perspectivas psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2024.

FONAGY, Peter; BATEMAN, Anthony. **Handbook of Mentalizing in Mental Health Practice**. 2. ed. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2016.

FREUD, S. [1905] (1996). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. VII.

FREUD, S. [1917] (1996). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** (1900). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** (1900). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer** (1920). Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, S. **Instincts and their vicissitudes**. In: STRACHEY, J. (Ed. & Trans.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. London: Hogarth Press, 1915/1996.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Three essays on the theory of sexuality**. In: STRACHEY, J. (Ed. & Trans.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud. London: Hogarth Press, 1905/1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer** (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, Sigmund. **Instintos e suas vicissitudes** (1915). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. **O problema econômico do masoquismo** (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, L. **A constituição do símbolo e o processo analítico (análise e discussão de Winnicott)**. 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GREENFIELD, P. **Mind and media: the effects of television, video games, and computers**. London: Routledge, 2014.

GREENFIELD, Susan. **Mind change: how digital technologies are leaving their mark on our brains**. London: Rider, 2014.

HILBERT, Martin. **Digital technology and social change: The digital transformation of society from a historical perspective**. 2020.

HINKLEY, T. et al. **Associations of early screen time with cognitive development at ages 2 and 3 years: a longitudinal study**. BMC Pediatrics, v.20, n.1, 2020.

HINKLEY, Trina; VERBESTE, Barbara; SALMON, Jo; OKELY, Anthony D.; HESKETH, Kylie D. **Correlates of screen time in young children: a systematic review**. Preventive Medicine, v. 118, p. 327–335, 2019.

JOHNSON, S. M. **Teoria do apego na prática: terapia focada nas emoções com indivíduos, casais e famílias**. Porto Alegre: Artmed, 2025.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2019.

KIM, J.; LEE, Y.; PARK, H. **Posture and musculoskeletal symptoms associated with smartphone use in children**. International Journal of Environmental Research and Public Health, v.19, 2022.

KLEIN, Melanie. **The psycho-analysis of children**. London: Hogarth Press, 1935/1998.

KLEIN, Melanie. **Desenvolvimento emocional infantil: fundamentos teóricos**. 2024.

KLEIN, Melanie. **Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946–1963). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. **O desenvolvimento inicial da consciência moral na criança** (1935). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, J. *Écrits: A selection*. New York: W.W. Norton & Company, 1959/2006.

LACAN, Jacques. **O estágio do espelho como formador da função do eu**. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise** (1959–1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LIU, M. et al. **Screen time and mental health problems in children and adolescents: a systematic review and meta-analysis**. BMC Public Health, v.21, 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MADIGAN, S. et al. **Association between screen time and children's performance on a developmental screening test**. JAMA Pediatrics, v.173, n.3, p.244-250, 2019.

MADIGAN, Sheri; BROWNE, Dillon; RACINE, Nicole; MORRISSEY, Caitlin; TOUGH, Suzanne. **Association Between Screen Time and Children's Performance on a Developmental Screening Test**. JAMA Pediatrics, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2018.5056>.

MAGALHÃES, Darlene Denise Machado de Moura Oliveira de. **Constituição do sujeito X Desenvolvimento da criança: um falso dilema**. Estilos da Clínica, v.11, n.20, jun. 2006. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 23 out. 2025.

MENDES, Elzilaine Domingues. **Impasses na constituição do sujeito causados pelas tecnologias digitais**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 23, n. 3, 2023. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e8984>>. Acesso em: 21 set. 2025.

MENDES, Karina C. **A constituição psíquica e as novas tecnologias: implicações clínicas do excesso de telas na infância**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 54, n. 2, p. 301-320, 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUPPALLA, S. K.; VUPPALAPATI, S.; PULLIAHGARU, A. R.; SREENIVASULU, H. **Effects of excessive screen time on child development: An updated review and strategies for management**. Cureus, v. 15, n. 6, e40608, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.7759/cureus.40608>>. Acesso em: 27 set. 2025.

NOBRE, J. N. P. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 6, p. 2061-2070, 2021.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>>. Acesso em: 18 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age**. Geneva: WHO, 2019.

PASSONE, Eric Ferdinando Kanai. **De A-Criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância**. Estilos da Clínica, v.21, n.1, p.114–132, 2016.

PUCCINELLI, M. F. **Telas na Infância: Postagens de Especialistas em Grupos de WhatsApp. Psicanálise Contemporânea e Psicopatologia, [2023]**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/SMRTnNDrkMHmdW8G3QBFtHt/>>. Acesso em: 18 set. 2025.

PUCCINELLI, Maria Laura. **Infância e constituição psíquica na era digital: desafios para a clínica psicanalítica contemporânea**. São Paulo: Blucher, 2023.

RADESKY, J.; SCHNEIDER, J.; MITCHELL, J. **Digital media and child development: recommendations for pediatric practice**. Pediatrics, v. 145, n. 2, p. e20191600, 2020.

RADESKY, Jenny; CHRISTAKIS, Dimitri. **Increased Screen Time: Implications for Early Childhood Development and Behavior**. JAMA Pediatrics, v. 170, n. 5, p. 509–510, 2016.

RADESKY, Jenny; SCHUMACHER, Jennifer; ZUCKERMAN, Barry. **Mobile and Interactive Media Use by Young Children: The Good, the Bad, and the Unknown**. Pediatrics, v. 135, n. 1, p. 1–3, 2020. DOI: 10.1542/peds.2014-2251.

RIBNER, A. D.; MCMINN, C.; MITCHELL, K. **Parental mobile device use and child emotional development: The role of disrupted interactions**. Infant Behavior and Development, v. 72, p. 101820, 2023.

RUIZ, J. R. et al. **Sedentary behavior and health in children and adolescents: a systematic review**. International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, v.17, n.1, 2020.

SANTELICES, María P.; FERNÁNDEZ, Adriana M.; LÓPEZ, Cristina; MORALES, Verónica. **Parental Reflective Functioning and the Quality of Parent–Child Interaction: A Systematic Review**. Frontiers in Psychology, v. 13, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.912534>>. Acesso em: 29 set. 2025.

SILVA, Sergio Gomes da. **Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis**. Estilos da Clínica, 2016. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.arttext>> . Acesso em: 23 out. 2025.

SOUSA, E. F. de; LACERDA, R. A. V.; DESIO, J. A. F.; et al. **Screen use in children – two sides of the coin: a critical narrative review**. Dementia & Neuropsychologia, v. 19, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5764-DN-2024-0173>. Acesso em: 18 out. 2025.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. Editora Martins Fontes, (1965).

TIVERON, E. M. **Uso excessivo de telas na infância e seus prejuízos**. *Revista de Saúde e Desenvolvimento*, (2024). Disponível em:

<<https://www.rsdjournal.org/rsd/article/download/47225/37340/487866>>. Acesso em: 24 out. 2025.

TROTT, M. et al. **Screen time use and mental health among children and adolescents: a systematic review**. *BMC Pediatrics*, v.22, 2022.

VELDMAN, Marjolein; JANSEN, Pauline W.; ROVERS, Moniek M.; STEEN, Anne A. **Screen time and parent-child interaction in early childhood: A longitudinal study**. *Infant Behavior and Development*, v. 73, 101838, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2023.101838>>. Acesso em: 17 out. 2025.

WAKULICZ, Gisele P. **Brincar e constituição psíquica: impactos da tecnologia na infância**. 2024.

WILSON, J. et al. **Digital screen use and its association with sleep, fatigue, and mood in young children**. *Sleep Health*, v.9, 2023.

WINNICOTT, D. W. (1975). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. **The maturational processes and the facilitating environment**. New York: International Universities Press, 1965.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. [1951] (2000). **Objetos transicionais e fenômenos transicionais**. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Original publicado em 1958).

WINNICOTT, D. W. **Bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

WOLKOWITZ, M. **A psicanálise e a infância: teoria e clínica**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2018.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha de Camargo; CELES, Luiz Augusto Monnerat. **A constituição do infantil na obra de Freud**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v.12, n.1, p.65–70, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/THrZvYF8GzLyy7XRDk7BPSp/>. Acesso em: 23 out. 2025.